

Homossexualidades globais, enganadas e astuciosas

Karl Posso

Cruz-Malavé, Arnaldo; Manalansan IV, Martin F. (Org.) *Queer Globalizations: Citizenship and the Afterlife of Colonialism*. New York/London: New York University Press, 2002. 274p.

Lopes, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. 264p.

A dissipação de fronteiras, através da migração, da melhoria dos sistemas de comunicação e da globalização do mercado, corroeu as noções de identidade “nacional” e os discursos hegemônicos daí resultantes, precipitando processos de hibridização de largo alcance, que os teóricos dos estudos culturais têm amiúde recebido de braços abertos. Esse hibridismo se encontra, no entanto, permanentemente assombrado pela possibilidade duma uniformidade global paralisante.

Os ensaios coligidos no volume *Queer globalizations* advertem-nos sobre os perigos homogeneizadores que podem surgir a partir da aprovação das homo-identidades conflituosas, tal como estão sendo definidas pelos teóricos e ativistas anglo-americanos e comercializadas e transformadas em mercadoria de troca internacional. Se sob a forma de produto exportado essas identidades abrem oportunidades para intervenções de política homorótica em qualquer país do planeta, elas também representam a ameaça neocolonial ao subsumirem, através do recurso à imitação, todas as particularidades locais da homossexualidade, transformando categorias particulares em universais, muitas vezes inadequadas para resistir à soberania

do “normal” em determinado e preciso contexto nacional.

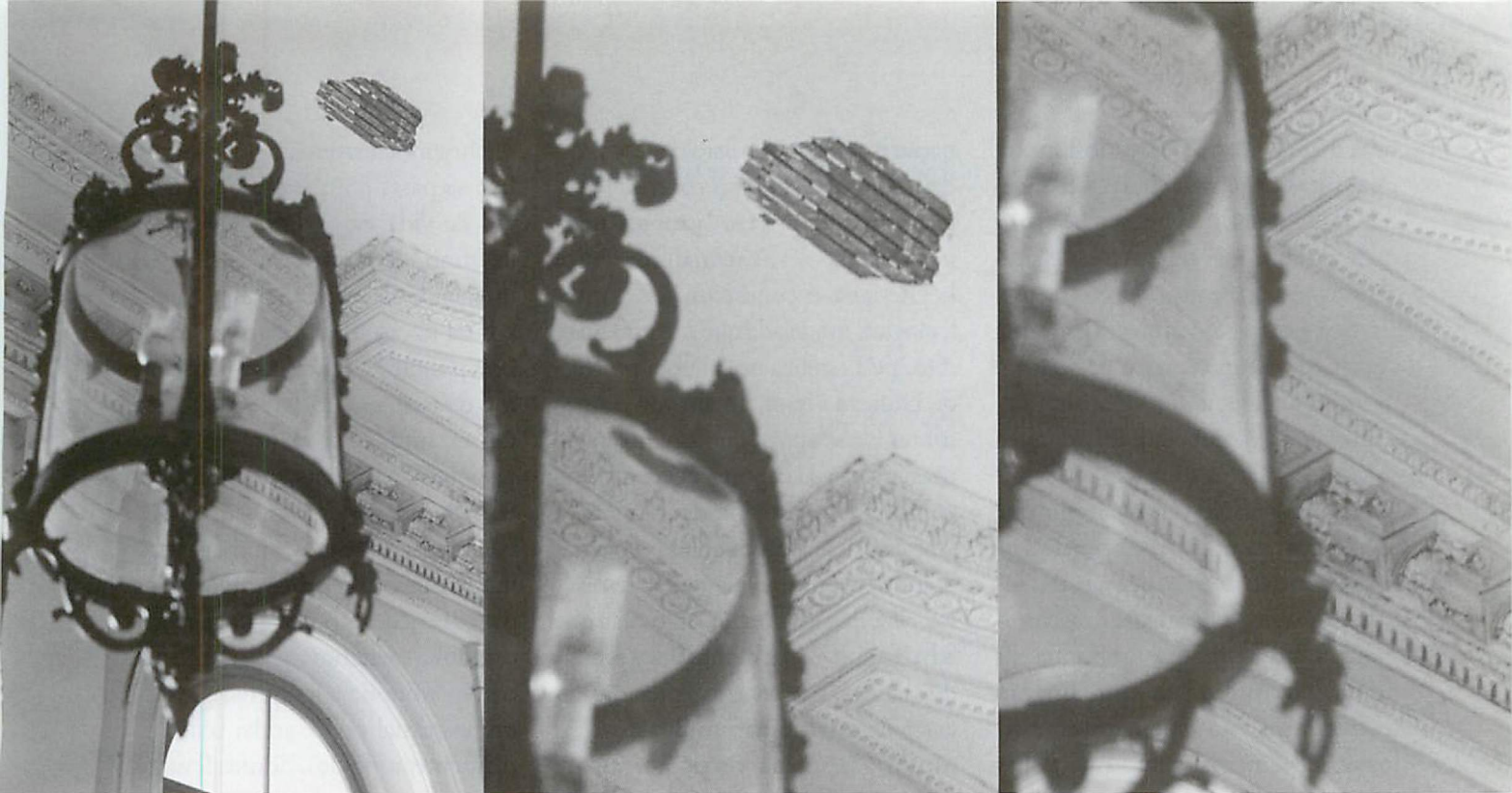
Queer globalizations advoga a favor de vários casos que apreendem a questão do gênero e da sexualidade – que tradicionalmente têm posicionado o *self* na periferia social ou centro-social – como pontos de instabilidade benéfica, em que permutações nacionais da dita “norma” entram em negociação devido ao fluxo transformativo do capital global. Ao se engajar com o discurso *gay*, a antologia visa a mensurar e avaliar as tensões entre identidade e mercadoria, assim como os benefícios e perigos duma normalização da heterogeneidade pelo viés da emergência.

Ao subscrever o modo de pensar que questiona a simples introdução do discurso de direitos dos *gays* anglo-americanos nas democracias emergentes, os ensaios em *Queer globalizations* nos lembram que tal prática “liberatória” às vezes produz devastadoras incongruências na vida social. Roberto Strongman e Silviano Santiago lamentam a virada latino-americana em direção à estratégia de *sair do armário*, a fim de acertar rapidamente o passo com os americanos do Norte. Seus ensaios são veementes ao mostrar que as infraestruturas éticas e políticas sul-americanas são incompatíveis com as

dos Estados Unidos da América. O solo latino-americano é particularmente inóspito para o florescimento de qualquer forma belicosa de ativismo *gay*.

De maneira convincente, Silviano tenta provar que a aderência a uma forma exibicionista de política *gay* pelas assim chamadas “culturas periféricas” é sintomática de um desejo de induzir a modernização através da imitação. Ele diz que a atitude arrebatada do homossexual serve apenas para enxertar problemas criados por táticas de enfrentamento *gay* em sociedades nacionais, que não foram conduzidas historicamente para recebê-los e acomodá-los. O argumento de Roberto Strongman contra os atos de bravura da autorevelação é apoiado por distinções legais fundamentais: “(...) em forte contraste com os Estados Unidos, onde muitos estados ainda possuem leis contra a sodomia, as proibições constitucionais latino-americanas contra a homossexualidade são praticamente inexistentes. (...) o que é freqüentemente punido na América Latina não é o ato homossexual em si, mas a prática dele em lugar público, que o transforma em ‘indecência pública’”.

Silviano e Strongman concordam noutro ponto: o caminho autoconfes-



sional que conduz à liberdade, tal como proposto e defendido pelos ativistas norte-americanos, pode ter efeitos calamitosos. Tiros cegos em favor dos direitos da cidadania *gay* podem sair pela culatra, e muitas vezes saem, mesmo em países dominados pela cultura ocidental. Neles tais efeitos e tiros apenas podem levar à visibilidade do indivíduo, privando-o de mecanismos de proteção social. Também podem levar à troca das liberdades, concedidas pelo sigilo, pela ampliação da vulnerabilidade no plano social. Mas o quadro pode-se agravar. Se, por um lado, Silviano comenta as imperceptíveis armadilhas abertas pelo processo de modernização emulado e macaqueado, Cindy Patton, por outro lado, nos chama a atenção para uma permutação mais claramente traiçoeira da modernização. Essa aparece sob a forma duma repetição demoníaca do discurso dos direitos do homem com fins maquiavélicos. Em pungente ensaio sobre a assimilação dos *gays* pelas forças armadas em Taiwan, Cindy discute como a virada emancipatória tem logrado pré-esvaziar políticas liberacionistas de base identitária, ao mesmo tempo em que distingue os cidadãos *gays*, considerando-os “bucha de canhão”. O duplo processo leva o go-

verno de Taiwan a adquirir feições liberais que, em termos da retórica globalizada euro-americana, torna-o “civilizado”.

No que se refere aos casos que dizem respeito à América Latina, a argumentação de Roberto Strongman é particularmente interessante na medida em que questiona alguns dos argumentos que embasam as críticas contra a influência do discurso norte-americano na América Latina. Seu ensaio concentra-se no estudo das homossexualidades dentro dos cultos religiosos sincréticos latino-americanos. Ali quase chega a perigosamente sugerir que o que está sendo considerado sexualidades nativas não tinha sido problematizado conceitualmente até a chegada dos discursos liberatórios que deram a palavra aos oprimidos. Strongman está correto quando assevera que há uma tendência por parte dos teóricos anglo-americanos a defender noções ocidentais de igualitarismo esclarecido no tocante à sexualidade e a supor que, quando se trata de homossexualidades em outras terras (“atrasadas”, como as qualificam), há necessidade de, como coloca Cindy, “conectá-las a um discurso transcendente dos direitos humanos com necessidades autóctones”.

Mas no processo descrito de luta contra a investida ocidental, ele nos deixa com a suntuosidade duma utopia sexual latino-americana. Strongman profere uma nota de esperança ao comparar o sincretismo dentro dos cultos religiosos latino-americanos à hibridização promovida pelo fluxo do capital internacional. Em seguida, afirma que a mutabilidade de gênero e as ambigüidades catalogadas, fomentadas em um dado sistema, podem ter expressão em outro. Dessa forma, sugere que o discurso emancipatório *gay* pode ter o seu efeito negativo minorado por necessidades autóctones. Escreve ele que “a mistura de categorias nativas latino-americanas com categorias *gays*/lésbicas anglo-americanas parece ideal e está de acordo com a idéia de complementaridade do sincretismo”.

Assim sendo, a influência do discurso emancipatório *gay* (*queer* no original) é negativa por um lado, porque, apesar do inevitável processo de hibridização na América Latina, seu ímpeto é o da colonização. Por outro lado, o próprio discurso *gay* híbrido “está alinhado com as estratégias latino-americanas para sobrevivência cultural e transformação”. Pode-se supor que Strongman esteja apelando para

uma forma igualitária de hibridismo, uma forma não-maculada pela ingerência colonial, mas neste ponto o caráter utópico da argumentação subverte a força que está por detrás da teoria. Seu ensaio se desintegra em uma conclusão desordenada e prescritiva. Termina por alegar que a globalização, depois de nos compelir a abandonar a moldura analítica restritiva das fronteiras nacionais, leva-nos a exigir que a leitura das identidades de gênero seja feita dentro de contextos culturais locais. Em suma, ele miniaturiza e multiplica as fronteiras que propunha eliminar. Sua precavida aproximação teórica da questão *gay* esbarra em barreiras que almeja superar. Parece inadequada e ingênua, se comparada à implacável alteridade do homossexual postulada por Silviano ou por Cindy em seus respectivos ensaios. O homossexual descrito por eles não é vítima do *armário* ocidental. Não lamenta a injustiça por que passa, nem serve de modelo para a integração social indolor. É ele o “homossexual astucioso”, ou seja, um jogador ardiloso que aproveita o máximo da vida nas margens. (Isso parecerá familiar aos leitores das obras literárias de Silviano.)

Queer globalizations é uma coleção irregular de ensaios que, por vezes, traz à luz surpresas animadoras. Por exemplo, as polêmicas visões de Cindy e Silviano encontram eco em ensaio que reavalia a teoria econômica keynesiana. Diga-se que os ensaios teoricamente mais extravagantes sobre o *gay* e a política econômica são os de leitura mais difícil, embora não sejam os mais gratificantes da coletânea. No caso do relato hagiográfico de Bill Maurer sobre Keynes, é tênue a ligação que estabelece entre as tendências sexuais do economista, sua sensibilidade artística e o potencial do seu trabalho dirigido à remodelagem da morfologia capitalista. Mas não se deve descartar sumariamente o ensaio.

A partir da indução da frugalidade, aliada ao vôo especulativo do capital, Bill Maurer associa a concepção keynesiana de empresa com a preocu-

pação pelo bem imediato das comunidades, a fim de jogá-las contra a interferência americana em “assuntos internos dos países”. A teoria econômica keynesiana é condicional e antileológica, modelada que é, como nos é dito, pela estética orientalista protética de Duncan Grant, amante do economista. Ela se apóia, por isso, no “reconhecimento da contingência e da fé na combinação humana de intuição e animismo para reconfigurar problemas durante o processo de tentar resolvê-los”. Isso, associado a uma filosofia, que advoga que “não é muitas vezes acertado sacrificar um benefício presente em favor de uma vantagem duvidosa no futuro”, perturba visões liberais de ativismo e eficácia política, o que, como Maurer pertinentemente coloca, não difere dos recentes movimentos em crítica *gay*, como os defendidos por Cindy ou Silviano.

Muitos dos demais ensaios reunidos em *Queer globalizations* compartilham dois outros temas, interligados e centrais. Primeiro: o modo como nossas atividades na qualidade de consumidores definem nossas identidades. Segundo: o impacto do capital pós-moderno e dos fluxos migratórios no nosso cotidiano. Essas discussões identificam uma passagem da matéria ao estilo, sugerindo que as convicções e as metanarrativas sobre os tempos modernos não se sustentam mais. Ann Pellegrini mostra-se pesarosa diante de um mundo em que a liberdade individual se exhibe sob a forma de consumismo. Transformar identidades em “estilos de vida” diminui a autodisciplina política e exclui muitos – os que não podem consumir – de um papel ativo na sociedade. Apesar ou por causa de tal processo, Ann percebe, no decorrente fluxo ideológico, a possível reconsideração democrática dos valores em jogo.

Janet Jakobsen defende posições mais austeras. Se as políticas homoeróticas se restringirem ao enfoque mercadológico como lugar de liberação sobre e contra os valores nacionalistas hegemônicos, o resultado a que

se chegará é extremamente limitado. Isso se passa porque estilos alternativos de vida *gay* deram um impulso legítimo à economia – uma economia que, embora esteja trabalhando a favor da nação, não a define como tal, pois passou a ser transnacional –, mesmo quando os estilos que defende estão excluídos no plano dos valores nacionais. A diversidade na economia trabalha a favor da nação, mas valores nacionais restritivos também trabalham a favor da economia. São poucos os benefícios políticos a serem concedidos a um grupo social que é tido como “minorias superprivilegiadas” (o homossexual pobre acaba sendo duplamente atingido). Somos levados a crer que conflitos entre economia e nação trabalham em cumplicidade. Os argumentos de Janet, que necessariamente aparecem distorcidos numa resenha, nos mostram como empreendimentos transnacionais abriram uma brecha no Estado-nação: o Estado torna-se relativamente autônomo da nação, delegando a responsabilidade do trabalho de construção nacional à família, tomada aqui no sentido estreito e tradicional.

Uma das críticas que se pode fazer ao conjunto dos ensaios reunidos em *Queer globalizations* e, em particular, aos que carregam uma abordagem econômica, é a incapacidade de demonstrar a especificidade da resistência *gay* face às resistências inspiradas pela “normalidade”. A questão propriamente sexual é por demais suavizada, o que permite que se perdoe o leitor caso acredite que seja aleatória a relação entre vida *gay* (*queer*, no original) e homossexualidade. A palavra inglesa *queer* (ou a outra, *gay*, mais usada no Brasil) é evidentemente uma categoria pejorativa para *homossexual*. Ao ser no entanto usada, insere o elemento específico que ela significa num grupo de oprimidos que, juntamente com outros grupos minoritários, se vêem às turras com a cultura branca, patriarcal, capitalista e heterossexista. A validade do conceito de *gay* (ou de *queer*, nos textos em inglês) aponta



para a indissociabilidade entre o sexual e o político.

Em *Queer globalizations*, teóricos como Chela Sandoval, Katie King e Joseba Gabilondo parecem apreender a relação de forma marcadamente não-sexual – e em muitos ensaios a teoria *gay*nada mais é do que uma nova tendência de análise no pensamento de esquerda. Os teóricos pós-foucaultianos do homossexualismo não mais aceitam categorias de análise como naturais, rejeitando dessa forma identidades essencializantes derivadas da preferência sexual. Agindo assim, acreditam que, ao apagar o agente, estão também resistindo à homofobia. Como propôs Leo Bersani nos anos 1990, “não existe mais sujeito homossexual a ser contraposto ao homofóbico”. A transgressividade social do homossexualismo depende da exploração de vínculos entre sexualidade específica e política radical.

Dessa forma, tentativas de reabilitar o conceito de família na teoria *gay*, como as que se encontram no ensaio de Miranda Joseph, terminam por traduzir tendências mais assimilativas do que subversivas, até mesmo porque insistem na inferioridade do casal *gay* num sistema de diferenças (emular o

modelo dominante para ser aceito). Ao eliminar *gays* e *lésbicas*, qualquer “de-gaying of gayness” (deshomossexualização da homossexualidade), para usar as palavras de Bersani, fortalece a opressão homofóbica. Seria bastante produtivo para muitos desses teóricos lembrar o axioma de Bersani: “desconstruir uma identidade imposta não apaga o hábito do desejo, [portanto] seria mais proveitoso testar de dentro do desejo a resistência da identidade”.

Essa astuciosa abordagem da questão é assumida por Denilson Lopes na coleção de ensaios intitulada *O homem que amava rapazes*. Seu livro apresenta características bem originais dentro da bibliografia, aproximando-se do que Yukio Mishima chamou com propriedade de “crítica confidencial”. Ao produzir um texto híbrido, que oscila entre a confissão e o ensaio, Denilson faz a crítica *gay* das produções artísticas e culturais se encaminhar para a autobiografia. Não encontramos aqui os lances de pirotecnia acadêmica que se encontram em *Queer globalizations*, mas percebe-se que o autor conhece bem a teoria homossexual anglo-americana – da bibliografia do livro constam títulos que muitos julgarão indispensáveis. Cons-

tantemente, ele relaciona suas leituras com os trabalhos sobre homossexualidade que estão sendo escritos e publicados no Brasil. Isso torna sua contribuição inigualável e inestimável para a área de estudos.

Ao contrário da agressiva linguagem acadêmica de *Queer globalizations*, em que sempre estão se levantando barreiras para o leitor, o estilo informal de Denilson torna de leitura fácil e agradável a coesa coleção de ensaios. Essa constatação não significa que os dois projetos não compartilhem o mesmo terreno. Suas conclusões coincidem em vários pontos, tanto na adjacência de identidade e mercadoria – embora, aqui, a contiguidade tenha menos a ver com a teoria econômica e mais com a fluidez do *flâneur* e do *footing gay*, – quanto na insatisfação com a apropriação dos paradigmas anglo-americanos de análise. Anota: “Certamente me sinto incomodado ao ver como cada vez mais o termo *gay* parece um item banal na nossa classe média com complexo de Miami ou de Nova York, propeladora de um consumismo desenfreado”.

Para Denilson, no entanto, a questão *gay* não se limita a inserir a sexualidade na política ou na análise artística.

O desejo não deve ser apenas percebido como fruto de maquinações sociais; está no cerne da imaginação, na análise política e social. A forma quase autônoma como as leituras textuais de Denilson se metamorfoseiam nas reflexões autobiográficas de um *self* homossexual-que-deseja mostra como o desejo foi fundamental para alicerçá-las. Do receptivo ao criativo, percebe-se que o desejo homossexual como sujeito e objeto do conhecimento não pode mais considerá-los separadamente.

A autobiografia é aqui considerada à maneira de Jacques Derrida, entre vida e ficção, e à maneira de Michel Foucault, como automodelagem no processo de re-escritura do eu. Re-escritura que acrescenta ao eu muitas e diferentes formas espectrais de identidade? “sempre senti que, se eu tivesse uma alma, ela seria travesti. (...) Eu só sinto que cada parte de mim transita por gêneros e desejos que cada vez menos consigo identificar”. À semelhança da proposta de Roland Barthes, o corpo do escritor transforma-se em teatro da escrita onde se cruzam diferentes caminhos: “meu corpo explode em referências e imagens de brilho e do que há depois do brilho, da fugacidade”. O corpo vale-se de máscaras fluidas para deslocar-se por entre espaços diferentes e para interpretar diferentes papéis, que são menos ficcionais do que contingentes e essenciais: “do simulacro retornar ao teatro do mundo para nos livrar do tédio e da indiferença diante do excesso de imagens, sem cair no fascínio nostálgico pela autenticidade. Nas ruínas, jogar não é apenas a atitude passiva, mas uma afirmação da vida”.

O corpo fragmentado possui, no entanto, uma significação política, que é teimosamente resistente à sua desestabilização e, no caso de Denilson, isso porque está enraizado na sua (involuntária) posição desejante que é marginal às práticas institucionais. Sob a inspiração de Paul de Man, que escreveu sobre a autobiografia como lugar para novas percepções críticas e teóricas, porque oferece locações múltiplas para a leitura e posicionamentos para o sujeito, Denilson afirma: “acreditei profundamente que a crítica autobiográfica, como a auto-etnografia, fosse a forma mais eficiente de transitar de uma experiência individual para uma coletiva”. A experiência coletiva está conectada à libido. Eis aí um exercício de narcisismo positivo e criativo.

No processo de negociação do autobiográfico, *O homem que amava rapazes* consegue ainda formular análises culturais e sociológicas que são informativas e variadas. O ensaio “Uma história brasileira”, por exemplo, é um levantamento crítico do homossexualismo na literatura brasileira, do *Bom crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, até os nossos dias. Ele mapeia tanto as principais figuras retóricas e os estereótipos usados na representação do homossexual em trabalhos marginais e canônicos, quanto o desenvolvimento social que os engendrou, proporcionando um guia amplo do que o autor chama de “homotextualidades brasileiras”.

Há também ensaios sobre o afeto homossexual intempestivo e o jogo do desejo na imagética do filme *Morte em Veneza*, de Luchino Visconti. Há outros sobre o travestismo e sua produção mimética de gênero e subjetividades – em parte subvertendo normas, em parte re-idealizando-as. Sobre o fragmentado romance de formação (*bildungsroman*) do homossexual sempre desajustado, tal como dramatizado por Caio Fernando Abreu, Silviano Santiago e outros, em que “nacionalidade e sexualidade (dos protagonistas) se apresentam entrelaçadas e em trânsito”. Sua recepção do romance de Caio é particularmente calorosa. Trata-se de declaração de apoio ao redesenho da afetividade *camp* como epifania sublime num mundo de pastiche frio e simulacros.

“A atitude exagerada de certos homossexuais, ou simplesmente afetação”, denominada por Susan Sontag de *camp*, serve como chave para a compreensão da estética da cultura *pop* e é tema para muitas ponderações. No processo, o conceito de Sontag é reavaliado e valorizado: “o *camp* expressa não o desejo de afirmação do estereótipo envelhecido da bicha louca, mas o desejo de empreendermos todos, das mais diversas sexualidades e sensualidades, uma nova educação sentimental, não pela busca da autenticidade de sentimentos cultivados pelos românticos, mas pela via da teatralidade, quando, apesar da solidão, para além da dor maior da exclusão, da raiva e do ressentimento, possa ainda se falar em alegria, em felicidade”.

A partir de afirmações como essa, Denilson vai propor uma política *gay* que é sem dúvida revitalizadora. Estudos *gay* e lésbicos tendem a ser nebulosos em virtude da talvez inevitável atmosfera lúgubre que acompanha as discussões sobre opressão e marginalidade. O trabalho de Denilson, mesmo nos momentos de engajamento político, irradia certa positividade e o desejo pelo prazer. Falando do “entrelugar” em que se situa o homossexual marginalizado – em referência ao conceito de Silviano –, Denilson nos informa que ele “não é só um espaço frágil do intelectual e das produções periféricas, mas a base de uma política e estética da amizade, de uma ética particularista da deriva, do desejo e do encontro”. A escrita de Denilson – a um só tempo crítica e pessoal – não se limita aos objetivos modestos da tolerância por variados estilos de vida. Vai além. Deparamo-nos com uma homossexualidade que exige prazeres marginais ou “desviantes”. É isso que torna o livro muito mais atraente e politicamente audacioso do que muitos dos argumentos refinados e politicamente corretos de *Queer globalizations*.

Karl Posso é professor de Literatura na Universidade de Cambridge, Inglaterra.

Tradução: Júlio César de Lima Bizarria
 Marco Antônio Ramos Vieira
 (revista pelo autor).

